

2023
2024

DIOCESE DE LAMEGO
CARTA PASTORAL

Recolhei

os pedaços que sobraram

DIOCESE DE LAMEGO

**RECOLHEI
OS PEDAÇOS
QUE SOBRARAM**

CARTA PASTORAL

D. ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA COUTO

Dezembro de 2023

1. Vem e vê!
2. Dar *testemunho* e *transformação*
3. Onde *compraremos* pães?
- 3.1. Tentativas falhadas
4. O tempo e o modo do leitor, companheiro de Jesus
5. Por que queremos fazer tudo sozinhos, sem Jesus?
6. Jesus bem sabe o que há de fazer ou o sabor eucarístico
7. Recolher os pedaços que sobraram é muito mais do que fazer um álbum de memórias
8. *Saltar* para a vida eterna. Sobe, poço! Sobe, poço!
9. Não se pode encaixilhar a Presença: só podemos dar *testemunho* dela. Nós somos a luzinha acesa à beira do sacrário
10. Do evento para o *e-vento*

1. Vem e vê!

Em termos cristãos e eclesiais, qualquer dinâmica pastoral digna deste nome tem de ter sempre como trampolim a Palavra de Deus recolhida na Escritura Santa, que traz até nós o *testemunho* rendilhado da mão de Deus na nossa vida, nas nossas mãos, no nosso rosto, no nosso coração, no nosso sangue, na nossa cultura, na nossa linguagem, no nosso quotidiano. Fazer esta afirmação significa dizer que a Bíblia não é, sem mais, a revelação de Deus em direto, mas o *testemunho* dessa revelação através de gerações e gerações de *testemunhas*, cada uma com a sua fé, inteligência, vontade, cultura, linguagem, sensibilidade.

Portanto, é sempre Deus que está por detrás do texto bíblico e da nuvem de *testemunhas* (cf. Hebreus 12,1) que atestam essa Presença Omnipresente em cada tempo, lugar e modo. Próprio da testemunha é dar *testemunho*. Não simplesmente expor, mas expor-se. Não simplesmente demonstrar, mas *mostrar*. O *testemunho* de uma testemunha é sempre mais forte e mais radical do que as provas que eventualmente queira dar. É por isso que Filipe fala de Jesus de Nazaré a Natanael, mas face às objeções deste, não lhe dissipa as dúvidas, mas diz-lhe simplesmente: «Vem e vê!» (cf. João 1,45-46). É também nesse sentido que o Ressuscitado *mostra* aos seus discípulos as mãos e os pés (Lucas 24,40), *mostra* as mãos e o lado (João 20,20), e *mostra* também as Escrituras percorridas e abertas para Ele passar e o leitor poder entrar (Lucas 24,27).

2. Dar *testemunho* e *transformação*

A eloquência e o rigor da retórica grega e latina reúnem os leitores ao redor de um raciocínio que não se pode descartar, e nos faz chegar juntos às mesmas conclusões. Onde a retórica greco-latina *demonstra*, a retórica bíblica e hebraica *mostra*. Também por isso, a argumentação e demonstração greco-latina tem mestres que ensinam a pensar. A retórica bíblica tem *testemunhas* que dão *testemunho* e visam diretamente, não tanto a simples informação ou formação, hoje por aí muito falada (leitura explicativa), mas a *transformação* da vida dos seus interlocutores ou destinatários (leitura performativa), insinuando-se nas pregas ou interstícios, irrigando as veias e os veios mais fundos da sua liberdade e responsabilidade.

É por isso que o Deus Onnipotente, Onnipresente e Omnisciente da Escritura Santa, que me criou livre e responsável, não se impõe a mim mediante um poder incontrolável ou um raciocínio irrefutável, mas *mostra-se* a mim na mensagem suave de uma nuvem que passa, solicitando de mim, por graça sempre condescendente e providente, que coopere com Ele, elegendo-me e elevando-me à dignidade de seu cooperador para dar *testemunho* d'Ele a todos os interlocutores que encontre no caminho. É assim que a Escritura Santa nos *mostra* as principais figuras que a atravessam, todas eleitas e constituídas por Deus em *testemunhas* que dão *testemunho*, tendo de arriscar por vezes até a própria vida. É assim Abraão, é assim Moisés, é assim Isaías, Jeremias, Pedro, Paulo... É assim que Jesus pode dizer: «Moisés escreveu acerca de mim» (João 5,46); «Abraão viu o meu Dia, e encheu-se de alegria» (João 8,56). E também, abraçando e repassando página a página a inteira Escritura Santa, pode afirmar: «A Escritura dá

testemunho de mim» (João 5,39). E, de frente para os seus discípulos, diz ainda de forma perentória: «Vós sois as *testemunhas* destas coisas» (cf. Lucas 24,48), e ainda: «Conduzir-vos-ão perante governadores e reis por causa de mim, para dardes *testemunho* diante deles» (Marcos 13,9). No veio mais profundo da linguagem, as *testemunhas* são os *mártires* e o *testemunho* é o *martírio*. *Dar testemunho* é então muito mais do que dizer coisas ou ensinar. É dar a vida. E dar a vida é dar o tempo, a saúde, a energia, o próprio sangue. Como é, então, que a Escritura dá *testemunho* de Jesus? É fácil verificar que atravessam a Escritura gerações e gerações de *testemunhas*, todas envolvidas nesta envolvimento da Presença Onnipresente de Deus, e dando *testemunho* dessa Presença na vida e no mundo. É seguro que, espremendo bem as páginas da Escritura Santa, há de delas seguramente escorrer sangue, tantas são as gerações de *testemunhas* nelas envolvidas.

Não admira que esta Carta Pastoral saia com atraso. Foi, na verdade, um exercício muito sofrido. Não é coisa fácil lidar com *testemunhos*, quer provenham da Escritura Santa, ela própria *testemunha* de Cristo Ressuscitado, quer de outras *testemunhas* que se atrevem a afirmar que a sua vida só faz sentido à luz de Cristo Ressuscitado. Esta Carta Pastoral não foi escrita só com tinta. Foi-o também com sangue, e foi ainda também sentida e escrita a várias mãos e palpitações de corações jovens JMJ, também eles *transformados* em *testemunhas* de Cristo Ressuscitado. Os jovens da nossa Diocese de Lamego confessam que foram e viram, tocaram e sentiram, não qualquer coisa ou qualquer novidade de última hora (cf. Atos 17,21), mas o Verbo da Vida (cf. 1 João 1,1), e estão prontos para *testemunhar* que Jesus Ressuscitado entrou nas suas vidas e as *transformou* e nelas continua a operar *transformação* e *missão*.

Tenho de propor, por isso, à nossa Diocese de Lamego, nas suas 223 paróquias, seus Párcos, Diáconos, Consagrados/as, Movimentos Laicais, Agentes da vida pastoral, todos os Batizados e Crismados, e todos os homens e mulheres de boa inteligência e boa vontade, a quem Deus deu a graça da conversão para a vida eterna (cf. Atos 11,18), que nos envolvamos todos no imenso, belo e exigente desafio de nos deixarmos *transformar* em *testemunhas* fiéis de Jesus Cristo Ressuscitado. E como esta operação não pode ser feita sem o bisturi da Palavra de Deus (cf. Hebreus 4,12), ousou deixar aqui uma passagem da Escritura Santa, com as marcas do discípulo amado, aquele que recostou a cabeça sobre o peito de Jesus (cf. João 13,25), acertando pelo pulsar do coração d'Ele o pulsar do seu próprio coração, e que se apresenta a si mesmo como *testemunha* de Jesus, o Filho de Deus, para que n'Ele acreditemos nós também e n'Ele tenhamos a vida eterna (cf. João 20,31; 21,24), e dela demos *testemunho* (cf. 1 João 1,2).

Aqui chegados, vê-se bem, querida Diocese de Lamego, que não podemos passar à frente de Deus e da sua Palavra. É uma Palavra de que não podemos andar a fugir a vida inteira. Portanto, como sucedeu a Agostinho de Hipona, nosso Padroeiro, Diocese de Lamego, «toma e lê!», «toma e relê». Lê e relê, reza, reúne e partilha. O nosso lugar é *dentro* da Palavra, para nos deixarmos guardar e nutrir dela como de um *ventre materno*, para o dizer com as palavras oportunas de S. João Paulo II, *Pastores gregis* [2003], n.º 15, repetidas por Bento XVI, *Verbum Domini* [2010], n.º 79.

«6,¹Depois disto, partiu Jesus para a outra margem do mar da Galileia ou de Tiberíades. ²Seguia-o agora uma multidão grande, porque viam os sinais que fazia nos doentes. ³Partiu então Jesus para a montanha, e lá se sentava com

os seus discípulos. ⁴Estava próxima a Páscoa, a festa dos Judeus.

⁵Levantando então Jesus os olhos, e vendo que uma multidão grande vem para ELE, diz a Filipe: “Onde (*póthen*) compraremos pães para que eles comam?”

⁶Isto, porém, dizia, para o pôr à prova (*peirázô*), pois, na verdade, ELE sabia o que ia fazer.

⁷Respondeu-lhe Filipe: “Duzentos denários de pães não são suficientes para que cada um deles receba um bocadinho”.

⁸Diz-lhe um dos seus discípulos, André, o irmão de Simão Pedro: ⁹“Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas o que é isto para tanta gente?”

¹⁰Disse Jesus: “Fazei as pessoas reclinar-se (*anapíptô*)”. Havia muita erva (*chórtos polýs*) naquele lugar. Reclinaram-se então os homens em número de cerca de cinco mil. ¹¹RECEBEU (*élaben*) então JESUS os pães, e, TENDO DADO GRAÇAS (*eucharistêsas*), DISTRIBUIU (*diédoken*) aos que estavam reclinados, e o mesmo fez com os peixinhos, tanto quanto queriam.

¹²E quando foram saciados, diz aos seus discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram (*perisseúô*), para que não se *perca* nenhum”. ¹³Recolheram então e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram (*perisseúô*)» (João 6,1-13).

3. Onde *compraremos* pães?

Este grande texto contém todos os ingredientes necessários para nos interpelar (ou mesmo atropelar) e para *transformar* a nossa vida. E como Jesus está sempre a passar por nós neste Evangelho de João, onde o nome Jesus se ouve por 237x [contra 150x Mt; 81x Mc; 89x Lc], é difícil não

sermos descobertos ou surpreendidos, mais dia menos dia, por alguma pergunta ou provocação ou finta pedagógica que Ele nos faça.

É o que acontece com Filipe. À vista da multidão que acorre a Jesus (v. 5a), Ele resolve perguntar a Filipe: «*Onde (póthen) compraremos* pães para que eles comam?» (v. 5b). Deixamos o advérbio de lugar «onde» (*póthen*) mais para a frente, e ficamos, para já, com o verbo *comprar*. O verbo *comprar* é corrente nos lábios dos discípulos de Jesus, mas é estranho na boca de Jesus. No cenário anterior em que se verificava a presença dos discípulos – o episódio de Jesus e da Samaritana (João 4) –, mal Jesus inicia o diálogo com a Samaritana, dizendo para ela: «*Dá-me* de beber!» (João 4,7b), o narrador informa o leitor que «os seus discípulos tinham ido à cidade *comprar* mantimentos» (João 4,8). E do *shopping* só regressam quando Jesus está a terminar o seu longo diálogo com a Samaritana (João 4,27), por sinal o mais longo diálogo de todo o Novo Testamento. É, portanto, significativo que, enquanto Jesus fala com a Samaritana, e fala de *dar* e *dar-se*, estes discípulos de Jesus passem pelo *shopping* e passem o tempo todo a *comprar*! Parece claro que Jesus e os seus discípulos tocam em dois teclados diferentes: *dar* e *comprar*.

Na chamada «primeira multiplicação dos pães», que podemos ler nos Evangelhos de Mateus e de Marcos (o Evangelho de Lucas obedece a uma lógica diferente), Jesus recusa mesmo a solução de *comprar*, avançada pelos seus discípulos, e propõe a de *dar* (*dídômi*) (cf. Mt 14,15-16; Mc 6,36-37).

Por que será, então, que Jesus fala agora de *comprar*, ainda para mais com a agravante de conjugar o verbo na 1.^a pessoa do plural, Ele incluído: «*Onde compraremos*»? Receio que, como Filipe, nem todos nos apercebamos bem

da importância de vermos Jesus a conjugar este verbo *comprar* na primeira pessoa. É por isso que ousou repetir-me até ser compreendido. Se Jesus perguntasse a Filipe: «*Onde comprarás?*» ou «*Onde comprareis?*», é claro que devíamos estranhar a pergunta, mas não seria escandaloso se não nos apercebêssemos do que havia de estranho na pergunta. Ouso, portanto, repetir: Jesus não conjuga o verbo *comprar*. Por que razão resolve então conjugá-lo aqui, e logo na primeira pessoa? E por que razão o faz na primeira pessoa do plural? Como quem diz: «*Onde é que nós* (“eu e tu” ou “eu e vós”) *compraremos*...? Repito-me outra vez: é tão estranha a pergunta, que é para nós obrigatório parar e reparar bem na forma como Jesus formula a pergunta, coisa que Filipe não fez.

Retornando à pergunta feita a Filipe: «*Onde compraremos* pães para que eles comam?» (v. 5), o narrador anota outra vez com perspicácia, acrescentando agora que Jesus disse isto para pôr Filipe à prova, pois Ele bem sabia o que havia de fazer (v. 6). Com esta anotação, o narrador deixa-nos declaradamente perante uma pergunta pedagógica, um teste, pelo que ficamos à espera de saber se Filipe reúne ou não competência para resolver o problema.

3.1. Tentativas falhadas

Não temos de esperar muito tempo. Filipe é rápido a fazer contas – ou não tivesse ele passado no *shopping* um dia inteiro a fazer compras! –, e diz logo que duzentos denários [o equivalente a 200 salários diários] de pães não chegam para que cada um receba ainda que seja só uma migalhinha (v. 7). O leitor atento, mas incauto, é com certeza levado a concordar com Filipe. Se a pergunta é: «*Onde comprar*», o leitor pensará logo certamente, como Filipe, em duas realidades: no *shopping* e no *dinheiro*: o *shopping*

como lugar; o *dinheiro* como meio. E será também levado a concluir que, para tanta gente, feitas as contas em termos de mercado, pouco ou nada haverá a fazer. Mas o leitor competente, também chamado «leitor implícito» ou «leitor modelo», que a análise narrativa ou narratologia define como aquele que está apto a fazer as operações mentais e afetivas que o mundo do relato dele requer, terá certamente estranhado que Filipe se tenha deixado levar tão depressa pelo verbo *comprar* da pergunta de Jesus, ainda para mais conjugado na 1.^a pessoa do plural [«compraremos»], com Jesus incluído, tendo em conta que se trata de um verbo que Jesus não só não usa, como até recusa.

André, que estava ali ao lado e que também terá ouvido a pergunta, passa a Jesus a informação preciosa de que havia ali um rapazito (*paidáron*), assim mesmo, no diminutivo, que tinha cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas apressou-se logo a minar a utilidade do achado, dada a imensa desproporção entre tão pouco alimento e tanta gente (v. 8-9). Se a lógica de mercado de Filipe o levou – e a nós com ele – a desistir rapidamente de apresentar uma solução positiva à pergunta de Jesus, a lógica de André levou-o – e a nós, porventura, outra vez também com ele – a desvalorizar os dons que descobrimos nos outros, nomeadamente nos nossos irmãos mais pequeninos, por isso tratados com um certo tom depreciativo!

Parece agora claro para o leitor que a pergunta de Jesus: «*Onde compraremos pães para que eles comam?*» não obteve de Filipe a resposta adequada, e que a ajuda de André tão-pouco se terá revelado satisfatória.

Filipe ouviu a pergunta de Jesus. E André, pelos vistos, também a terá ouvido. Mas nem Filipe nem André sabiam que se tratava de um *teste*. Só o leitor o sabe, porque foi disso informado pelo narrador. E então a pergunta

sobra agora para nós: e eu e tu, leitores pelo menos informados (leitura explicativa), será que sabemos resolver a questão que Filipe e André deixaram sem resposta, não conseguindo ultrapassar o teste?

4. O tempo e o modo do leitor, companheiro de Jesus

O leitor que seguiu atentamente tudo desde o princípio, desde a primeira pergunta pedagógica de Jesus, que soava: «*Onde compraremos pães para que eles comam?*», sabe duas coisas que Filipe e André não sabiam: 1) sabe que a pergunta de Jesus era um teste; 2) sabe também que Jesus sabia o que havia de fazer. Dado que o leitor sabe que se trata de um teste, é bom que não fique de braços cruzados, mas que se dê ao trabalho de tentar encontrar a resposta correta. E para se poder chegar à correta compreensão de um texto bíblico, pequeno ou grande, não basta lê-lo, nem sequer lê-lo um monte de vezes, porventura, decorá-lo; é preciso integrá-lo, em círculos cada vez mais amplos, no corpo da inteira Escritura, de modo a respeitar a sua unidade (*Dei Verbum*, n.º 12). Significa isto que, para se poder chegar à correta compreensão de um texto bíblico, é necessário ler e conhecer a Bíblia toda. De facto, a primeira norma do bom intérprete da Bíblia é «ler a Bíblia com a Bíblia» (*Tôrah mittôk Tôrah*), o que implica lê-la, conhecê-la e reconhecê-la toda.

Quem pode guiar-nos nesta aventura? Jesus, com certeza, dado que Ele se revê na Escritura, e que, neste assunto concreto de comprar pães, não nos manda ir sozinhos, mas nos propõe que o acompanhemos: «*Onde compraremos pães para que eles comam?*», é a questão. A formulação da pergunta implica que não nos ponhamos a fazer os nossos cálculos ou a cavar o nosso próprio quintal, sozinhos, como fez Filipe. Implica, isso sim, que nos torne-

mos companheiros de caminho (*sýnodoi*) de Jesus, que é sempre Aquele que sabe o caminho (*knows the way*), mostra o caminho (*shows the way*) e faz o caminho (*goes the way*). Ele é o caminho (cf. João 14,6). Devemos tomar boa consciência de que, nesta operação de *comprar*, Jesus vai conosco, coisa de que Filipe não se apercebeu, pois desta única vez Jesus conjuga conosco, na primeira pessoa do plural, o estranho verbo *comprar*! Mas também agora se nos impõe conhecer e reconhecer a Escritura, uma vez que «desconhecer a Escritura é desconhecer Cristo», como reza o aforismo de S. Jerónimo. E, de outra maneira, mas sempre pela mão de S. Jerónimo, «A Palavra da Escritura (...) é verdadeiramente o corpo de Cristo e o seu sangue». E se não reconhecemos Cristo, como o podemos acompanhar nesta operação de que só Ele parece conhecer as coordenadas?

Voltando à pergunta pedagógica de Jesus, apercebemo-nos agora que Filipe a entendeu mal. Pensou que Jesus estava a passar para ele o encargo de comprar pães para aquela gente toda. Filipe não se apercebeu que Jesus conjugou esta única vez o verbo *comprar* e que, na verdade, chamou Filipe e cada um de nós para *juntos com Ele*, nunca sem Ele, irmos *comprar* pães para alimentar aquela gente. Além disto, parece que Filipe também se tinha esquecido daquela soberana lição de Jesus, que vale para sempre: «Sem mim nada podeis fazer» (João 15,5).

5. Por que queremos fazer tudo sozinhos, sem Jesus?

Deixai, portanto, que vos lembre, meus irmãos no sacerdócio, na celebração litúrgica, na oração, no ensino da catequese, na leitura litúrgica da Palavra de Deus, no canto coral, na prática da caridade, na visitação a quem precisa da nossa presença com o *testemunho* da apresentação da Presença Omnipresente, na evangelização a quem precisa

de um bocadinho do pão do Evangelho de Jesus, no mais humilde serviço realizado em cada paróquia, seja qual for a ação que estejamos a realizar ou para realizar, devemos saber bem que não podemos realizá-la sozinhos. Só a podemos fazer, acompanhando Jesus. Para *onde* (*póthen*), então, nos levará Ele? A viagem pode ser longa e cheia de surpresas. Mas, página após página, alargando cada vez mais o contexto, guiados por Jesus, lá havemos de chegar à *passagem* de Isaías, em que se ouve Deus a falar assim, em primeira pessoa, para a multidão dos deserdados que regressam do Exílio sem dinheiro e sem bagagem:

«55,¹ Todos vós que tendes sede, vinde às águas! / Vós, que não tendes dinheiro, vinde! / Comprai (*agorázô* LXX) cereal e comei! / Comprai cereal sem dinheiro, / e sem pagar, vinho e leite. / ²Por que gastais dinheiro com o que não é pão, e o vosso salário com o que não sacia? Ouvi-me, ouvi-me, e comei o que é bom!» (Is 55,1-2).

É para aqui, para esta passagem de Isaías, que Jesus nos conduz. Está aqui o elo que faltava: o verbo *comprar*, significativamente *não agrafado com dinheiro*. *Comprar* trigo *sem dinheiro*. E lá está também, em contraponto, a solene advertência para as nossas vazias andanças pelos *shoppings*: «Por que gastais dinheiro com o que não é pão, e com o que não sacia?» Mas esta lição de Isaías reforça ainda a conjunção entre Palavra e alimento, com aquela proposta saída da boca de Deus: «Ouvi-me, ouvi-me, e comei!», que soa também a abrir o Livro do grande profeta: «Se vierdes e escutardes, o melhor da terra comereis» (Isaías 1,19), clarificada pelo confronto: «Mas se vos recusardes e vos rebelardes, será a espada que vos comerá» (Isaías 1,20).

Afinal há um *lugar novo*, um *mercado novo*, onde até Jesus vai fazer compras! E compra-se sem dinheiro e sem pagar. Chama-se *Deus* esse lugar. Chama-se *Pai*. O leitor avisado e competente, apto a fazer as operações mentais e afetivas que o mundo do relato dele requer, teria compreendido logo à partida, dadas as indicações sinaléticas que o Evangelho de João continuamente lhe passa, que aquele advérbio de lugar «onde?» (*póthen*) não indica um lugar no mapa, um *shopping* qualquer, mas um *lugar pessoal especial*, indica Deus, indica o Pai. Na verdade, esta locução adverbial, este «onde» ou «de onde» (*póthen*) atravessa o Evangelho de João apontando sempre para Deus (cf. Jo 1,48; 2,9; 3,8; 6,5; 7,27-28; 8,14; 9,29; 19,9).

E quanto a *comer*, parece que se pode comer também com os ouvidos! Os ouvidos que ouvem a Palavra de Deus: «Ouvi-me, ouvi-me e come!!» Extraordinária conjunção tão pequenina [«e»], mas que abre para paisagens novas a perder de vista!

6. Jesus bem sabe o que há de fazer ou o sabor eucarístico

Naquele entardecer à beira-mar (v. 1), num chão atapetado de *erva seca* (*chórtos*) (v. 10b), não da *erva verde* (*chlôê*) para onde nos conduz o Bom Pastor (Salmo 22,2 LXX), rodeado pelos seus discípulos e por uma grande multidão, Jesus ordenou aos seus discípulos que fizessem *reclinar* (*anapíptô*) as pessoas para *comer* (v. 10a). O verbo grego usado, *anapíptô*, significa mesmo dispor-se à mesa para comer. Espanto imenso. Mas comer o quê?, terão pensado aqueles discípulos atónitos, se já não havia dinheiro em caixa, e à disposição havia apenas cinco pãezinhos de cevada e dois peixinhos?! E nos cálculos deles (operações mentais e afetivas) continuava claro que *comprar* era no *shopping* e com *dinheiro*!

No meio de tanta impossibilidade, aí está então o *tempo e o modo de Jesus*, que bem sabia o que havia de fazer (v. 6). E fez. E faz. E continua a fazer. RECEBEU os pães [de Deus], e TENDO DADO GRAÇAS [a Deus], DISTRIBUIU-OS Ele mesmo (v. 11), emprestando à cena uma insuspeitada demão de intimidade e proximidade. E quando todos foram servidos e *saciados* [por Deus] (*eneplêsthêsan*: aor. pass. de *empímplêmi*) – assim se deve entender este passivo divino ou teológico –, Jesus, que preside àquela mesa divina, deu ordens aos seus discípulos para que *recolhessem os pedaços que sobraram* (*perisseúô*), para que não se *perdesse* nenhum (v. 12). Eles recolheram e encheram *doze cestos* de pedaços dos cinco pães de cevada que *sobraram* (*perisseúô*) (v. 13).

7. Recolher os pedaços que sobraram

é muito mais do que fazer um álbum de memórias

Não se trata de umas *sobras* quaisquer. É o próprio corpo de Cristo (Hebreus 10,10) e a Palavra da Escritura, que é verdadeiramente o corpo de Cristo e o seu sangue (S. Jerónimo), e que de Cristo também dá *testemunho* (cf. João 5,39). O verbo grego usado para dizer *sobrar* é o verbo *perisseúô*, que implica o excesso que ultrapassa toda a medida e a abundância sempre a transbordar, sem diminuição nem fim. É assim, por exemplo, que Paulo, que usa este verbo por 26x [contra 13x do resto do NT], diz o incontável *vendaval da graça* que vem de Deus e o invade e o define – «É pela *graça de Deus* que sou o que sou» (1 Coríntios 15,10) –, e a Deus pode agora regressar como *ação da graça* que, atravessando Paulo, chega a Deus (1 Tessalonicenses 1,2), círculo eucarístico aberto e sem fim. É assim normal que o narrador nos informe que, com os pedaços que *sobraram*, os discípulos encheram *doze cestos*, símbolo

da plenitude transbordante e inesgotável, experiência semelhante à que fez a mulher da Samaria que ia mais uma vez ao poço de Jacob, em Siquém, para encher a sua bilha de água (João 4,7), e que lhe foi dado receber dentro de si, dádiva de Jesus, um poço de água viva a *saltar* (*hállomai*) para a vida eterna (João 4,14).

Entre água e água. Entre a água que se esgota e a água inesgotável, que sobra sempre. Fica aqui também exposta a toda a luz a disjunção um pouco mais à frente mostrada por Jesus, no texto de João 6, entre «o alimento que perece» e «o que permanece até à vida eterna» (v. 27): o que perece é a «erva seca» ou «feno» (*chórtos*), cuja função no teclado textual é remeter para outro teclado que mostra que o que permanece é a Palavra por Deus dita, e por nós ouvida, recebida, distribuída, partilhada, saboreada, digerida e respondida, e que não se pode perder dela nem uma migalhinha, porque ela é verdadeiramente o corpo de Cristo e o seu sangue. Há tanto tempo que Isaías está convosco, e não o conheces, Filipe?, bem podia Jesus perguntar em sobreposição com a verdadeira questão posta mais tarde: «Há tanto tempo estou convosco, e não me conheces, Filipe?» (João 14,9). Desconhecer a Escritura é desconhecer Cristo. Porque a Palavra da Escritura é verdadeiramente o corpo de Cristo e o seu sangue (S. Jerónimo), e dá *testemunho* de Cristo (cf. João 5,39). Temos mesmo de escutar outra vez a lição de Isaías:

«(...) Toda a carne é *erva* (*chórtos* LXX),/ e toda a sua graça como a flor do campo (...)./ *Seca* a *erva* (*chórtos* LXX) e murcha a flor,/ mas a Palavra do Senhor permanece para sempre» (Isaías 40,6.8).

Sim, a *muita erva seca* (*chórtos polýs*) que havia naquele lugar, e que perece, é apenas uma campainha que

toca e que tem a função de nos despertar, em musical contraponto, para a verdadeira realidade que não passa, e que é a Palavra do Senhor que permanece para sempre!

8. *Saltar para a vida eterna. Sobe, poço! Sobe, poço!*

Ficou para trás na página de João 4,14, mas convém voltar àquele poço de água viva a *saltar* (*hállomai*) para (*eis*) a vida eterna, dádiva de Jesus à Samaritana. A vida eterna não é a meta, o ponto de chegada, para onde *salta* a água do poço. Trata-se, antes, de uma maneira nova e permanente de viver desde já a vida eterna. O uso aparentemente estranho do verbo *saltar* (*hállomai*) está aqui afinal no seu lugar, pois qualifica comportamentos de pessoas que *experimentaram uma vida nova*, como o coxo que salta de alegria (cf. Isaías 35,6; Atos 3,8; 14,10). Água viva, vida nova, dom pessoal, transformante, de alguém a alguém. Saltar de alegria. Pode, além disso, reclamar por assonância de som (*'alah*) e de imagem a dádiva da água no deserto e o cântico de Israel à vista desse dom:

«De lá para Beer. É o poço de que falou o Senhor a Moisés: “Reúne o povo, e dar-lhe-ei água”. Então cantou Israel este cântico: “Sobe, poço (*'alí b'e'er*)! Respondei-lhe! Poço aberto pelos chefes, escavado pelos nobres do povo, com o cetro, com os seus bastões”» (Números 21,16-18).

É também elucidativa para a paisagem nova que estamos a desenhar a interpretação memorável que os *targumim* (paráfrases aramaicas) fizeram desta passagem do Livro dos Números:

«Foi então que Israel cantou este poema de louvor, no momento em que voltou o poço que

lhes tinha sido dado por mérito de Miriam, depois de ter estado escondido: “Sobe, poço! Sobe, poço!”, assim cantavam. E ele subia. O poço que tinham escavado os patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, os príncipes de outrora, os chefes do povo, Moisés e Aarão, perfuraram-no os dirigentes de Israel, mediram-no com as suas varas.

E, depois do deserto, deu-se a eles como um dom. E depois de se dar a eles como um dom, pôs-se a subir com eles pelas altas montanhas, a descer com eles pelos vales. Passando por todo o território de Israel, dava-lhes de beber a todos e a cada um à entrada da sua tenda» (*Targum du Penta-teuque, Nombres, SC 261*).

9. Não se pode encaixilhar a Presença:

só podemos dar *testemunho* dela.

Nós somos a luzinha acesa à beira do sacrário

O percurso feito até aqui, na página e na vida, nas suas múltiplas nuances, pode ser considerado como a experiência vencida de Jesus se instalar na nossa vida. Estamos lá nós. Está lá a multidão. Está lá a Colina do Encontro. Está lá o Campo da Graça. Estão lá os montes e os vales de Lamego. Estão lá os Símbolos JMJ, a Cruz de Jesus e a sua Mãe junto à Cruz, que nos mobilizaram e uniram naquele imenso mês de julho de 2022. Estão lá aqueles peregrinos, irmãos e irmãs, vindos de tanto mundo, que demandaram Lamego nos Dias da Diocese, e que fizeram subir muito os índices da nossa fraternidade, da nossa oração e da nossa fé. Estão lá as famílias de acolhimento, onde se inventaram e podem continuar a inventar novos espaços, novos modos, novos acordos, novas linguagens. Estão lá os abraços e as lágrimas de alegria que se geraram e continuam a gerar. Está lá a Escritura aberta ou a abrir, e a Palavra a ouvir, e a rasgar corações e novos horizontes. Está lá um *lugar*

sempre novo, onde nos podemos encontrar *todos* à mesa da alegria. Não. Não é aqui ou ali. Chama-se *Pai* esse lugar. Está lá a *Eucaristia* sempre a gerar vida nova: Receber, Dar Graças, Distribuir, ser Saciado. Sempre a fazer-nos *saltar* para a vida eterna. Está lá a *adoração* naqueles pedaços que *sobraram*, cheios de vida eterna, divina, inesgotável, com amor *recolhidos*, e de que não se pode *perder nenhum*. Nada nem ninguém dado por Deus se pode *perder* (cf. João 17,12). E aquele poço vivo, que sobe e desce connosco, que a toda a hora bate à nossa porta, e nos dessendenta. Claro que é Cristo esse poço dinâmico, essa pedra viva (1 Coríntios 10,4; cf. Números 20,8-11), que nos acompanha sempre, e em toda a parte nos congrega, nos vem chamar a nossa casa e nos envia, não sozinhos, mas sempre na sua companhia. Os pedaços que sobraram são, bem entendido, o Corpo de Cristo, a Presença Omnipresente, o Poder Omnipotente, a Ciência Omnisciente que vai connosco sempre. Nós somos a luzinha acesa à beira do sacrário. «A Escritura dá *testemunho* de Mim» (João 5,39), diz Jesus, e nós, que frequentamos a Escritura e convivemos com Jesus, também não podemos deixar de o fazer (cf. Lucas 24,48; Atos 1,8).

10. Do evento para o *e-vento*

Para trás pode ficar apenas o registo de uma teia de *eventos*, com a marca JMJ, que vivemos com entusiasmo, que ainda rememoramos tal foi a marca que em nós imprimiram, mas que se podem agora ir lentamente dissipando como as nuvens ou o nevoeiro. A menos que deixemos que esses eventos *vivam*, sejam o que devem ser: não *eventos* programados e produzidos no nosso quintal, produção nossa, mas *e-ventos*, no sentido etimológico do termo, de *e-venire*, aquilo que vem de fora, que vem de Deus,

vento de Deus, Espírito de Deus, ventania do Pentecostes, que nos faça sempre *saltar* para uma vida nova, cheia de eternidade e de bondade. E é só aqui, não num mundo fechado sobre o nosso *ego*, sobre o nosso quintal ou no *shopping*, onde continuamos a gastar o nosso dinheiro com o que não é pão, mas num mundo *aberto* a Deus e à transcendência, que podemos continuar a ouvir *chamar o nosso nome*, e a sentir um calafrio que se chama *vocação*, que se chama *comunhão*, que se chama *missão*, que se chama *paixão*.

Vem daí, irmão ou irmã, jovem de qualquer idade. Nenhum raciocínio, por mais sólido que pareça, fará palpitante o teu coração. Jesus, sim. O *testemunho* da Escritura e de tantas gerações, sim. Um e outro levam a Jesus. E Jesus não o podemos perder porque é Ele que sabe as coordenadas dos caminhos e dos modos novos de fazer. Nós somos a luzinha acesa à beira do sacrário!

Lamego, 26 de novembro de 2023, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, e Dia Mundial da Juventude

**Beatriz, Inês, Catarina,
Eliana, Milene, Clarisse, Tiago, Inês
e, com muita gratidão e uma bênção,
o vosso bispo e irmão, + António**

TESTEMUNHOS

RECOLHER A ENTREGA

Uma Igreja que se dedica

“O início do 2020 trouxe algo inesperado e que nos obrigou a reinventar. Com a pandemia COVID-19 ficámos restritos às nossas casas. Então como é que íamos fazer as atividades? Como é que íamos dinamizar os *Rise Up* sem ser presencialmente? E as orações? O Dia Mundial da Juventude e o festival da canção? Contudo não podíamos deixar o departamento parar. Não era essa a missão que Deus tinha para nós. Precisávamos de continuar a espalhar a Fé pela Diocese. Então começou a nossa aventura pelo zoom e pelo mundo digital, onde começamos a reunir, realizar orações e atividade. Eu cheguei mesmo a jogar o bingo no chão do meu quarto em frente ao computador para mais de 80 jovens no zoom... E correu melhor do que esperávamos. Porque com Deus ao nosso lado tudo foi possível. No entanto, apesar da Jornada ter sido adiada para 2023, aproximava-se a passos largos e havia muito a preparar. Com os *Rise-Ups* já tínhamos começado a construir a fé nos nossos jovens, mas também tínhamos de espalhar a notícia pela comunidade. Tínhamos de tirar as pessoas do sofá para perceberem o grande evento que vinha aí. E com a chegada dos símbolos à nossa Diocese isso ficou claro. Apesar do sol abrasador as paróquias realizaram várias

atividades para nunca deixar os símbolos sozinho vivendo o verdadeiro espírito da comunidade. Conduzir a carrinha dos símbolos pelas estradas da Diocese também foi um verdadeiro desafio!”

“Uma das alegrias que me foi habitando foi a alegria da doação. Uma doação que era mais do que um mero cumprir de tarefas ou um trabalho para atingir um resultado. Ao longo do tempo, fui capaz de ver, primeiramente com os grupos de jovens e, depois, com as nossas comunidades que se iam doando, cada um da sua forma muito particular, não só para que todos vivêssemos algo único e irrepetível, mas também para que esta Alegria, que só de Cristo vem, se fizesse sentir em todos, até naqueles que não se estariam a preparar para viver a JMJ. Nós só conseguimos esta doação e ser mãos ao Serviço quando nos sabemos conscientes da nossa condição de filhos, quando nos sentimos mais do que meras mãos a ajudar na vindima, é aí que sabemos que somos filhos de Deus, não mais escravos. E isso tem de nos impelir, verdadeiramente! E, como leigos, este é o nosso maior desafio: reconhecer que somos filhos! Senti isso ao longo deste caminho, na doação de tantos e tantas, não só pelo bom sucesso dos Dias na Diocese, mas também por esta Igreja que quer fazer-se porta aberta para todos, crentes e não crentes. Esta doação e alegria contagiante, vista nas pessoas das nossas comunidades e paróquias, era de facto inspiradora. Era a motivação diária para que nos fôssemos desafiando, cada vez mais, em preparar uma grande semana. A dada altura, já não era nossa tarefa transmitir o entusiasmo e a importância destes dias, eram sim as próprias pessoas que assumiam que Cristo lhes ia entrar pela vida adentro também através destes jovens que nos vinham visitar, e não há maior alegria que essa. Recordo aqui a grande experiência

que foram as famílias de acolhimento e todos, mas todos os jovens peregrinos terem sido acolhidos nas casas dos nossos conterrâneos, os abraços abertos de acolhimento, o dar o melhor que temos, o preparar tudo para que todos se sentissem amados, foi tudo uma grande ode àquilo que a Igreja deve ser!”

“Aquando da Peregrinação dos Símbolos da JMJ, propusemos algo que, pensámos nós, nunca fora feito em outra parte do mundo: peregrinar com os símbolos 24 horas seguidas durante um mês. Foram 720 horas em que a presença dos símbolos se fez sentir de um extremo ao outro da nossa Diocese. O que aconteceu durante um mês, dia e noite foi que todos fizemos (verdadeira) companhia a Jesus e à Sua Mãe, a Santíssima Virgem Maria. Em alguns momentos fomos advertidos para não irmos a esta ou aquela aldeia ... por ter poucos habitantes, por lá não morarem jovens (de idade), por lá não haver quem «ligue muito as estas coisas» ... nunca cedemos à tentação de não ir às periferias, pelo contrário! Motivados pelas palavras do Santo Padre, nunca desistimos de levar os Símbolos aos lugares mais remotos e fomos sempre surpreendidos pela bondade e carinho de quem lá vive e daqueles que lá se juntavam. Ir a estes lugares fazia-me sentir como companheira de Jesus, Ele que sempre procurava aqueles que estavam à margem. Esta peregrinação revelou que não podemos continuar a ser católicos encerrados no conforto das Igrejas. É preciso ter coragem de sair à rua, ter vontade de fazer grandes coisas, na certeza que se for da vontade de Deus os frutos serão bons de se colher. Parece cliché, o Santo Padre está nos sempre a pedir isto, sim! Mas é preciso dar uma resposta efetiva. Sabemos, com a experiência da peregrinação dos símbolos, que os resultados serão bons! A vivência dos Dias nas Dioceses fez-me sentir que

é preciso muito pouco para dar de graça, o que de graça recebi, e que o mais simples gesto de bondade e de amor é transformador quando encarado com a humildade que Jesus nos propõe.”

“Não vou mentir, foi duro por vezes, senti-me exausta e muito sozinha. Mas imagino Jesus com um sorriso meio de lado e de olhar terno para mim, por eu duvidar e nem imaginar o quanto tudo valeria a pena. Foi enviando mais instrumentos que arregaçaram as mangas para abrir caminho. Vi a bondade de Cristo e o «não temas»! Deixei-me levar pela onda da confiança e, de facto, tudo apareceu: famílias de acolhimento surgiram, as decorações foram feitas, os voluntários foram entrando no ritmo da missão, as pequenas e grandes refeições foram oferecidas e parece que multiplicaram. Cada um com os seus dons a render, foi tornando tudo possível! Uma bela corrente de serviço intergeracional! Foi desafiante gerir as personalidades, diferentes idades, os feitios. Admito que recorri a algumas respirações fundas e à frase «Oh Deus, dá-me aí uma mãozinha!».”

RECOLHER AS MEMÓRIAS

Uma Igreja que recorda

“A semana dos Dias nas Dioceses foi das mais intensas desde que estou no DDPJ. Na minha casa, calharam 4 franceses com nomes difíceis de pronunciar e com pais a falar francês acabava por não perceber metade do que diziam. Contudo, com um francês muito arranhado da minha parte e um inglês muito arranhado da parte deles conseguíamos comunicar o suficiente. E tínhamos sempre a música e a oração. Toda a convivência com os restantes

grupos foi muito enriquecedora e perceber como outros países celebram e vivem a sua espiritualidade, mas que no fundo somos todos iguais na fé. Mas não fui só eu que senti isto. Toda a Diocese de Lamego estava a sentir o Espírito Santo e sentia a transformação. O entusiasmo das pessoas, a vontade de quererem ajudar e de acolherem os peregrinos revelou o melhor que temos nas nossas pessoas. Sei que as pessoas ficaram tão tocadas pelos peregrinos como os peregrinos por elas. E sei que quem pensar nesses dias não consegue evitar a música «Ressuscitou, Ressuscitou».”

“Chegou o dia da partida dos peregrinos para Lisboa foi dos mais emocionantes de todo este caminho. Eles não queriam ir, nós não queríamos que eles fossem. Era uma parte de nós que estava a partir. Eu fiquei com o desejo e certeza de que nos reencontraríamos todos em Lisboa. No dia seguinte partirmos nós para Lisboa, o nosso papel já não era de ‘organizadores’ ou famílias de acolhimento. Estávamos nós também a iniciar o nosso caminho como peregrinos, que vão ao encontro de algo maior. Chegamos a Alverca, ficámos em pavilhões, mas também ali sentimos que estávamos em família. O cuidado dos voluntários, o carinho e a felicidade com que nos receberam é algo que nunca lhes poderemos retribuir.”

“Bem, a verdade é que antes de ir viver a Jornada, sentia-me muito cansada, quase incapaz de continuar o caminho, porque psicologicamente sentia-me saturada e achei mesmo que não ia aguentar não dormir as horas devidas e ainda o peso da responsabilidade. Decidi ir, e ainda bem que fui, pois passei aqueles dias sempre de sorriso na cara e com vontade de viver mais e mais. Foram dias intensos, abracei, beijei e chorei muito, mas muitas vezes de alegria. A alegria assaltou-me o coração naqueles dias, mas a verdade é que também ali vivi Jesus, vivi Jesus nos

abraços, nos olhares, nas palavras e nos reencontros.”

“Para mim, o momento alto da JMJ 2023 em Lisboa foi sem dúvida a Vigília de sábado à noite. Sem contar aca-bei por ter a bênção, a graça de puder assistir à Vigília do palco. Que momento. O silêncio ensurdecedor que se fez sentir naquele momento atingiu-me profundamente. Era Deus que nos falava através do Santo Padre. Nunca tinha tido a oportunidade de participar numa jornada mundial da juventude, mas quando imaginava em como seria, pensava sempre em euforia, barulho, multidão, que iria estar sempre assoberbada com muita gente. Mas não, ali naquele momento era como se fôssemos só nós, eu e Ele. Foi nesse instante que me dei conta que a jornada não terminava ali. Aquele foi o momento de início da verdadeira e mais importante jornada.”

RECOLHER A DIVERSIDADE

Uma Igreja Universal

“Muitos pedaços sobraram para ficar desta caminhada que não pode nem se consegue fechar numa caixa temporal. Poderia falar da sensação de esperança e inclusão ao ouvir o – ainda por ser – famoso «todos, todos, todos». Poderia referir o sentimento de «não estou só» ao ver, fugidias entre a multidão, as cores de uma bandeira arco-íris. Poderia também salientar a boa vontade, a rapidez e a doação que em tantos momentos vi naqueles que se voluntariaram para tornar esta caminhada não apenas possível, como também a melhor possível. Mas escolho falar de amizade. Dos que caminharam até certa etapa do caminho para tornar a próxima seguinte, dos que acompanharam em todo o momento, dos que se fizeram pre-

sentes logo que o conseguiram. Daqueles com quem caminhei pela primeira vez e daqueles com quem já caminho há anos. Uns foi um começo, outros foi um fortalecer. Outros ainda foi um rever, uma sensação de alívio ao descobrir que ainda existe a confiança, que um momento mau passou e agora é o tempo da regeneração.”

“E sim, sentimos a inocente provocação dos jovens peregrinos e seus sacerdotes, com a sua vivência e demonstração da sua fé! Fez-me refletir que há tanto a mudar nas nossas paróquias e que dentro das comunidades deles, se viram obrigados a encontrar e centrar-se em algo mais forte do que o Mundo em que vivemos, algo que os movesse, sem distrações: Jesus Cristo! Eles reconheciam verdadeiramente Jesus na Eucaristia, na consagração, na comunhão, através do respeito que transmitiam e devoção! Temos muito a trabalhar nas nossas paróquias com os que realmente querem ficar e que, por serem poucos não quer dizer que não sejam bons! Vimos o Espírito Santo em ação nestes dias, pairou apressadamente sobre as nossas cabeças e os nossos corações, para nos deixar marcas profundas do Amor de Jesus e nos preparar para a semana seguinte!”

“Mas esta alegria tem outras formas, não tão óbvias. E foi o próprio Papa Francisco quem nos ajudou a descobri-las. Uma delas vem daquele que se tornou o mais sonante *slogan* desta JMJ – o «todos, todos, todos» com que o Papa Francisco nos convocou com um grande apelo à missão. Essa é a inquietação que mais me fica dessa frase – de que valerá dizer que a Igreja e o Evangelho são para «todos, todos, todos» enquanto tantos não o souberem? Dias mais tarde, o Papa ajudaria a decifrar a inquietação, ao dizer que «A alegria é missionária». E com tudo isto me senti impelido a lembrar-me de tantos que

conheço, tão parecidos comigo em tanta coisa, mas que ainda não compreenderam, talvez porque ainda ninguém lhes tenha mostrado, essa alegria nova que vem de Jesus e que vivemos nestes dias. Outra forma pouco óbvia da alegria foi-nos mostrada na Via Sacra. Impressionou-me a facilidade com que o Papa nos conduziu do clima de festa para um silêncio que desafiava a pensar nas próprias feridas. «O que vos faz chorar?», perguntou o Papa Francisco. A pergunta não vinha a despropósito, pois vi as lágrimas correrem de muitos rostos daquela multidão. Os jovens têm feridas que os levam às lágrimas, e a nossa alegria só pode ser completa quando a Igreja for o lugar, como foi nesse dia, onde se sentem acolhidos ao ponto de as poderem deixar correr. A alegria, percebeu-se ali, não vem só de um clima de festa ou de euforia passageira. Também há alegria em tocar a própria fraqueza, em falar dela a outros ou a escutar as fraquezas dos outros.”

RECOLHER OS SONHOS

Uma Igreja com horizonte

“Por fim, revelou-se a alegria serena do silêncio da adoração. O desafio já tinha sido deixado pelo Papa logo no início da semana, na homilia das Vésperas no Mosteiro dos Jerónimos: «Apenas na adoração, só diante do Senhor, é que recuperamos o gosto e a paixão pela evangelização. E, curiosamente, perdemos a oração de adoração; e todos, sacerdotes, bispos, consagradas, consagrados têm de a recuperar: recuperar aquele permanecer em silêncio diante do Senhor». A experiência veio perto do final, na Vigília. Sei bem que nunca esquecerei o silêncio que se fez durante a adoração na Vigília. A mesma multidão capaz de expressar

a sua alegria na festa partilhada, expressava-a agora naquele silêncio. Ninguém teve medo dele, ninguém fugiu. E creio que ali podemos ter voltado a aprender que a fonte da alegria multiplicada que vivemos em tudo isto está na presença próxima do Senhor que adorámos naquele silêncio. O que sobra, então, de tanta alegria multiplicada que possamos recolher?

O entusiasmo de uma Igreja que arregaça as mangas, em que todos se entregam em favor da comunidade. A alegria em abundância que retribui a generosidade do acolhimento. A riqueza do encontro com os mais débeis e esquecidos entre nós. A alegria que se multiplica quando partilhada com todos, todos, todos – principalmente aqueles que ainda não a conhecem (e mesmo no nosso interior envelhecido e desertificado, há ainda muitos). A alegria que se pode encontrar quando abrimos espaço para dizer e acompanhar as feridas uns dos outros. A alegria e a paz que se encontram no silêncio habitado pela presença de Jesus. Nada disto ficou retido em Lisboa, ou na memória desses dias já passados. Está ao alcance do nosso quotidiano e das nossas comunidades – e também isto, o saber que há caminho por fazer, é mais uma fonte de grande alegria.”

“Todo este caminho percorrido faz-me sentir que a JMJ Lisboa 2023 não pode ficar encerrada no tempo! Senti o dia 6 de agosto não como o culminar da Jornada, mas como uma rampa de lançamento para o que queremos fazer acontecer no futuro. Não podemos calar o que vimos e ouvimos. Não podemos continuar anestesiados e conformados dentro dos nossos grupos. Temos de sair com a missão de espalhar o Amor de Deus aqueles que não o conhecem. Nós somos capazes e a JMJ foi a prova disso mesmo! Confiar foi a palavra de ordem ao longo deste caminho e tem de o continuar a ser. O trabalho de encontro e evan-

gelização não terminou. A concretização da JMJ no nosso país foi como um recado que o Senhor nos deu. De Quem confia em nós e nos dará sempre aquilo que precisamos para sermos bons trabalhadores da Sua messe. Aqueles que me acompanhavam nesta messe, ao longo destes 3 anos, foram os rostos de Deus para mim, e não posso calar o quão grata sou pela oportunidade que tive em trabalhar com jovens que, tal como eu, querem viver com e para Jesus no seu dia-a-dia... respondendo aos desafios que Ele nos coloca diariamente, fosse durante a preparação ou na nossa vida pessoal.”

“Tenho ouvido muitas vezes a frase: a JMJ não são seis dias e a JMJ não é só a visita do Papa, e a verdade é que concordo com ela, pois para mim JMJ foi ... bem na verdade ainda não sei o que foi, porque continua a ser. A verdade é que ainda hoje, volvido um mês e uns dias não sei descrever aquilo que senti naqueles dias, quando penso naqueles dias, penso em várias frases que ficaram na minha cabeça, que apesar de não ser *ipsis verbis* o que o Santo Padre nos disse, é a ideia que ficou e são as seguintes: sorri, porque somos chamados pelo nosso próprio nome; só devemos olhar para o outro de alto a baixo, quando for para o ajudar, para o julgar não; não tenhais medo e claro que ficou também: nós somos a juventude do Papa.”

“Desejo, de forma profunda, que este seja também um caminho para a Diocese de Lamego e para todo o nosso povo, que se sintam chamados, cada vez mais, pelas promessas que foram professadas no seu batismo e, confiados na Graça, reconheçam o seu valor como leigos e se sintam mais impelidos a dar de si à Igreja! Nesta relação a dois, é preciso que o povo reconheça a sua condição de leigo e a que isso o motiva, mas também é necessário à Diocese reconhecer o papel, cada vez mais fundamental,

que o leigo pode e dever ter na pastoral. O que senti dos jovens e das pessoas mais velhas, o seu trabalho, dedicação e entusiasmo nos Dias na Diocese fazem-me ter a certeza de que a Comunidade tem cada vez mais valor e que os leigos podem e devem ter um papel mais fundamental, ainda que para isso seja preciso cada vez mais formação. Desejo que a Diocese corresponda ao apelo do Papa Francisco de uma Igreja aberta a «todos, todos, todos», que não deixe ninguém de lado pela sua crença, pela sua condição económica e social, pelas duras histórias de vida ou contexto familiar frágil, pela postura que adota na Igreja, mais progressista ou conservadora, pela sua orientação sexual e, sobretudo, por não corresponder aos caminhos vocacionais mais comuns do Matrimónio, Consagração ou Sacerdócio. A Igreja é um lugar onde todos se podem expressar e pensar de forma diferente, com uma Pedra Basilar comum! É a beleza da salada de fruta, que não é um batido de fruta. Saibamos nós, enquanto agentes pastorais, não baixar a cara de vergonha pelos erros cometidos pela Igreja e o clericalismo ao longo do tempo, mas saibamos ser verdadeiros mensageiros da Boa Nova com a nossa vida, entrega e serviço com os braços abertos sempre em Abraço de Misericórdia.”

Carta Pastoral 2023 - 2024
D. António José da Rocha Couto, Bispo de Lamego

Testemunhos Jovens da Diocese de Lamego
Design P. Hermínio Lopes
Impressão HMLpro
Tiragem 500 exemplares
Dezembro de 2023

1. Vem e vê!
2. Dar *testemunho* e *transformação*
3. Onde *compraremos* pães?
 - 3.1. Tentativas falhadas
4. O tempo e o modo do leitor, companheiro de Jesus
5. Por que queremos fazer tudo sozinhos, sem Jesus?
6. Jesus bem sabe o que há de fazer ou o sabor eucarístico
7. Recolher os pedaços que sobraram é muito mais do que fazer um álbum de memórias
8. *Saltar* para a vida eterna. Sobe poço! Sobe poço!
9. Não se pode encaixilhar a Presença:
só podemos dar *testemunho* dela. Nós somos a luzinha
acesa à beira do sacrário
10. Do evento para o *e-vento*